EXCLUSIVO
Renda, Trabalho, Saúde
UM RETRATO DO BRASIL
EDITORA ABRIL - N.º 765
4 DE MAIO DE 1983 - Cr$ 650
veja
EXEMPLAR DE ASSINANTE—VENDA PROIBIDA
HITLER
O impacto dos diários secretos

REPORTAGEM DE CAPA

Hitler está de volta

O anúncio da descoberta dos diários secretos do Führer gera uma torrente de dúvidas e abre uma árdua polêmica sobre o curso do nazismo

Eram 5 horas da madrugada do dia 21 de abril de 1945 quando o avião Junker 352 prefixo KT-VC decolou de Schönwalde, pequeno aeródromo de pista de grama a noroeste da fustigada Berlim da fase final da II Guerra Mundial, para o que seria seu último vôo. Não muito depois, o aparelho, com armação de metal, estrutura de asas feita de madeira e cobertura de lona, se espatifaria sobre um bosque cerca de 200 quilômetros ao sul, perto de Börnersdorf, no que hoje é território da Alemanha Oriental. Na semana passada, porém, mal decorrido o 38.º aniversário do acidente, o Junker 352 voltaria das sombras do passado para aterrissar com estrépito no âmago da história do século XX. Vinham a público, na Alemanha, as primeiras revelações contidas em uma parte preciosa, secreta e só recentemente descoberta de sua carga — sessenta volumes de anotações que seriam o diário da figura central no elenco de horrores desencadeado no mundo pelo regime nazista alemão, Adolf Hitler.

Os diários, guardados num inexpugnável cofre do Handelsbank N.W., em Zurique, na Suíça, são blocos comuns de 27 × 21 centímetros, com espessura média de 2 centímetros e na maior parte encadernados com uma imitação de couro preto. Eles foram apresentados ao mundo pela direção da revista alemã *Stern* em Hamburgo, no início da semana, após o que teriam sido três anos de intensas buscas e pesquisas em vários países por seu repórter Gerd Heidemann, 51 anos — e o desembolso de uma quantia não revelada em favor de pessoas que vinham sendo as guardiãs do material, cuja identidade a revista pretende manter secreta. A publicação dos primeiros extratos de seu conteúdo total — 50 000 palavras manuscritas — pela própria *Stern* e outras publicações que lhe compraram os direitos de reprodução já começou a alterar conceitos que se haviam firmado sobre vários episódios da história da Alemanha, da II Guerra e da

própria biografia do ditador nazista *(veja à página 58)*. Além disso desatou, previsivelmente, uma tempestade entre historiadores, especialistas em autenticação de documentos, vítimas do nazismo e ex-colaboradores de Hitler. Afinal, se os diários forem autênticos, terá ocorrido a mais importante descoberta de documentos inéditos sobre a história contemporânea. Se, ao contrário, se descobrir que foram forjados, o mundo estará diante do que talvez seja o maior e mais ousado caso de fraude histórica de todos os tempos.

Os diários cobrem o período de meados de 1932 — pouco antes da subida de Hitler ao poder — até duas semanas antes de seu suicídio, a 30 de abril de 1945. Ali, em palavras em geral revestidas de grande banalidade, Hitler queixa-se raivosamente de colaboradores, admira-se de adversários, como Stalin, fala de problemas pessoais, como sua própria digestão e sua relação com a amante, Eva Braun, e sugere novas direções para episódios como a retirada dos aliados em Dunquerque, em 1940. Ele se refere desdenhosamente a Mussolini como seu "procônsul em Roma", e ao ex-primeiro-ministro inglês Neville Chamberlain, a quem se acusa de ter capitulado diante de Hitler em Munique, em 1938, aceitando a cessão de parte da Checoslováquia à Alemanha nazista, como "raposa" e "inglês escorregadio" que "quase me passou a perna". E, sobretudo, manifesta uma gelada economia de palavras sobre a marca maior e mais perversa do nazismo — o Holocausto de 6 milhões de judeus *(veja à página 62)*.

ELO FRÁGIL — Foi certamente por temor de incorrer numa fraude, que poria por terra não só essas considerações mas sobretudo sua credibilidade, que a empresa britânica Times Newspapers Ltd.

abandonou sua programação anterior de publicar de imediato os documentos em seu semanário *The Sunday Times*, de Londres, pelos quais teria pago entre 750 000 e 3 milhões de dólares à *Stern*. O recuo do *Sunday Times* foi espetacular. Na própria entrevista coletiva convocada pela *Stern* em Hamburgo para mostrar os diários, o mesmo historiador que na semana anterior os declarara autênticos — o respeitadíssimo britânico Hugh Trevor-Roper, lorde Dacre, enviado por Winston Churchill a Berlim em 1946 para confirmar o suicídio de Hitler, e que hoje integra a direção da Times Newspapers — declarou não mais estar certo de que o material seja autêntico.

A Times Newspapers estava escaldada por antecedentes de fraude. O jornal *The Times*, de quase bicentenária respeitabilidade, incorrera em grosseiro logro em 1969, ao comprar um suposto diário de Mussolini. Pior ainda, em episódio hoje pouco lembrado, *The Times* publicou em 1920 com grande destaque um resumo dos "Protocolos dos Sábios de Sião" — um suposto plano dos judeus para dominar o mundo, com o auxílio da maçonaria e por meio da subversão de instituições como a família. Na verdade, tratava-se de um texto fabricado nos porões da polícia secreta do czar da Rússia no início do século para desmoralizar os movimentos revolucionários em curso no país, recheados de militantes judeus.

SOLA/GAMMA

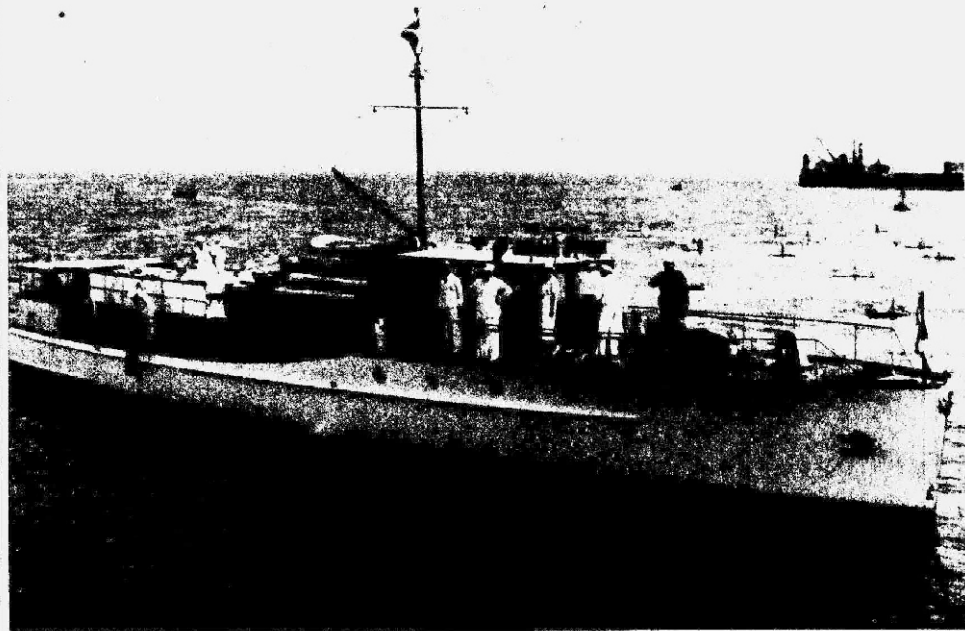
O banco, em Zurique: tudo guardado

As razões de Trevor-Roper para duvidar da autenticidade dos diários de Hitler, porém, eram mais imediatas. Ele explicou inicialmente que, enquanto examinava o material numa sala do banco em Zurique, acreditava que a direção da revista havia checado por sua conta a informação do repórter Heidemann sobre quem era a pessoa ou pessoas de quem comprara os documentos, e deu seu parecer sobre sua autenticidade. Mais tarde, porém, se deu conta de que Heidemann não passara essa informação sequer para seus superiores — embora tenha recebido deles total credibilidade. Com a ligação entre o avião e os papéis tida como "frágil", Trevor-Roper passou a considerar insuficiente o exame que ele próprio fizera dos documentos. Numa sala no banco em Zurique, o historiador percorreu não apenas os diários, mas dois outros volumes contendo a versão de Hitler sobre o desembarque de seu "delfim" Rudolf Hess na Grã-Bretanha, em 1941 *(veja à página 58)*, e sobre o atentado contra sua vida, em 1944, além de cartas, outros papéis, objetos pessoais e mesmo pinturas e desenhos — mas admitiu que não lhe foi concedido tempo suficiente para ler os documentos.

PIEL/GAMMA

O debate na sede da *Stern*: o prestígio em jogo, após um trabalho de três anos

A rota do diário perdido

O avião Junkers 352 levando os papéis pessoais de Hitler decolou de Berlim rumo a Salzburgo, mas caiu perto de Börnersdorf, em território que hoje pertence à Alemanha Oriental.

O iate de Göring: ponto de partida que levou aos diários em Börnersdorf

IATE DE GÖRING — Embora *Stern* não tenha satisfeito ao historiador britânico e a muitos entre a multidão de jornalistas e especialistas que se acotovelavam na sua sede na semana passada, o fato é que há uma fartura de detalhes sobre como a revista chegou aos papéis. A proeza coube ao repórter Heidemann. As primeiras pistas apareceram depois que Heidemann tinha chegado a um extremo de extravagância, no atendimento a seu hobby de colecionar relíquias históricas. Em 1973, ele vendeu sua própria casa em Hamburgo para comprar o iate *Carin II*, que fora dado de presente pelo empresariado alemão, durante o III Reich, ao marechal Hermann Göring, comandante da Luftwaffe, a Força Aérea. Restaurado, o iate começou a atrair nostálgicos do III Reich para visitas e, logo, para proveitosos cruzeiros com o repórter.

Entre essas visitas contavam-se o ex-general Karl Wolff, que fora adjunto do chefe das SS, Heinrich Himmler, e que protagonizou o rendimento das forças alemãs do sul aos americanos, em 1945, e o ex-general das SS Wilhelm Mohnke, último comandante da segurança do *bunker* de Hitler em Berlim. Das conversas com esses e outros personagens, Heidemann ouviu falar pela primeira vez da "operação Serail" — nome inspirado no título de uma ópera de Mozart —, destinada a transferir secretamente Hitler, seus documentos e toda a cúpula do regime nazista do *bunker* na Berlim já sitiada por 6 000 blindados soviéticos para o "ninho da Águia", o refúgio do Führer em Berchtesgaden, nos Alpes Bávaros, não muito distante de Salzburgo, na Áustria.

Da primeira revoada de dez aviões em direção à região de Salzburgo, um desapareceu sem deixar vestígios — e Heidemann recebeu de seus convidados algum indício de que justamente este, pilotado pelo major Friedrich Anton Gundlfinger, é o que conteria os papéis pessoais de Hitler. A informação fazia sentido se comparada ao relato feito num livro de 1956, escrito pelo ex-piloto-chefe de Hitler, Hans Baur, dando conta do profundo abatimento do ditador quando soube do desaparecimento do avião. No final de 1980, já tendo juntado uma série de peças do quebra-cabeça, o repórter chegou ao veio principal pelo mais corriqueiro dos expedientes: discando o telefone 419040 de Berlim Ocidental, número de um organismo do governo que armazena informação sobre soldados mortos na guerra, Heidemann inquiriu sobre Friedrich Anton Gundlfinger. A resposta veio na hora: o piloto fora enterrado no dia 21 de abril de 1945 perto de Börnersdorf, uma aldeia próxima a Dresden, na hoje Alemanha Oriental. Heidemann foi até lá. Num canto distante do cemitério da aldeia, ele achou os túmulos de dezesseis soldados alemães, cada um marcado com uma cruz de madeira trazendo uma plaqueta esmaltada. Em uma delas, estava escrito: "Friedrich Gundlfinger, piloto".

Heidemann e os diários: mantendo os seus contatos em segredo

FOTOS STERN MAGAZIN

Farejando o tesouro próximo, Heidemann fez inúmeras outras visitas à aldeia e começou a ouvir gente. Encontrou testemunhas da queda do avião ainda vivas, viu pedaços do Junker em poder de velhos moradores e ouviu a informação básica para o prosseguimento de sua investigação: ao cair o avião ficou destroçado, mas nem toda a carga fora destruída. Logo ficou sabendo que um destacamento nazista che-

gara ao local imediatamente após a queda do avião fumegante. Recolheu, enfim, depoimentos sobre o conteúdo de sua carga. Havia, entre os destroços, desenhos dos pais de Hitler e de Eva Braun, objetos pessoais do Führer e o que mais interessava: uma caixa de metal cheia de cadernos com a anotação "Propriedade do Führer".

Daí por diante, *Stern* espalhou o máximo de fumaça na pista da história. Nem a revista nem Heidemann dão qualquer indicação sobre o destino que tomou a caixa de metal após ser retirada dos destroços. Recusaram-se, também, a dar qualquer indício sobre a pessoa ou pessoas com quem os documentos ficaram retidos, durante esses 38 anos, como Heidemann chegou até esta fonte ou quanto foi pago em troca dos documentos que faziam estremecer o mundo na semana passada — e que *Stern*, nesta semana, começará a publicar na íntegra, começando por oito semanas dedicadas ao caso Rudolf Hess.

DISPARATE — Diante da monumentalidade do feito proclamado pela revista, surgiu naturalmente uma penca de questões. Às dúvidas e desconfianças despertadas mundo afora sobre a autenticidade do material, porém, opunha-se uma consideração fundamental. Para qualquer falsificador de bom senso, seria um disparate forjar tal volume de material — os riscos de descoberta da fraude ficariam grandes demais. Trata-se, afinal, de sessenta cadernos de anotações feitas à mão, com 50 000 palavras — cerca de 5 000 linhas —, sendo que cada uma das páginas foi rubricada pelo próprio Hitler, por Hess ou pelo lugar-tenente do Führer, Martin Bormann. "É uma gigantesca quantidade de trabalho falsificar tanta coisa", ponderou o editor-chefe de *Stern*, Peter Koch. "E por que o nome de Hitler seria colocado ao pé de cada página, quando assinaturas falsificadas podem ser detectadas tão facilmente?"

Além disso, *Stern* tinha do lado da tese da autenticidade uma respeitável formação de especialistas, começando pelos três que, a pedido da revista, tiveram acesso direto ao material. Um deles foi Ordway Hilton, 69 anos, o homem que descobriu há dez anos a falsa "autobiografia" do falecido bilionário Howard Hughes *(veja à página 56)*. "Os espécimes de texto examinados são de Hitler", decretou Hilton. Também o professor americano Gerhard Weinberg, um ex-refugiado do nazismo que autenticou o célebre testamento pessoal feito por Hitler em 1938, vai nessa direção. Contratado pela revista americana *Newsweek* para examinar os documentos e opinar nas negociações — finalmente não concluídas — para a compra do material, Weinberg inclinou-se com cautela pela autenticidade, embora defendendo a necessidade de mais pesquisas a respeito. Kenneth Rendell, também a serviço de *Newsweek*, considerou que "parte dos papéis — os dos cinco primeiros anos, talvez — é genuína, parte pode ser uma fraude."

Do outro lado da trincheira, uma vasta bateria de historiadores e pessoas de alguma forma envolvidas com o problema pendiam para o ceticismo ou a dúvida aberta. Fizeram-no, de um lado, por considerações caligráficas e outras de ordem técnica. De outro, pelo fato de que, apesar dos extraordinários esforços realizados ao longo dos anos para recolher cada fiapo de informação sobre Hitler, nunca ter aparecido sequer a insinuação de que ele mantinha um diário. Pelo contrário, memórias de ex-empregados, secretários e outros assistentes do ditador, vários dos quais se manifestaram na semana passada, sempre enfatizaram sua ojeriza à escrita e seu hábito de ditar pensamentos — a começar pelo próprio livro-base do nazismo, o *Mein Kampf*, ditado por Hitler a Rudolf Hess enquanto cumpria pena de prisão, em 1924. Mesmo sem manusear o material, o mais conhecido historiador da II Guerra Mundial, o americano William Schirer, estimou tratar-se de uma "provável farsa". Também negaram autenticidade aos diários dois dos principais e mais respeitados biógrafos alemães de Hitler, Werner Maser e Joachim Fest. "Não acredito numa única palavra na história de Heidemann", desdenhou Fest. Segundo ele, material virtualmente idêntico ao agora divulgado lhe foi oferecido três anos atrás por "um homem que vive em Württemberg". Fest recusou a oferta por considerar que se tratava de um conjunto fraudulento que continha em seu bojo papéis autênticos.

EVITAR O MITO — Há mesmo uma corrente que julga ter identificado a origem e os propósitos da eventual falsificação — o governo da Alemanha

IRA WYMAN

Rendell: "Parte dos documentos pode ser genuína, e o resto uma falsificação"

CARLOS STRUWE

Fest: dúvidas sobre a autenticidade

O primeiro texto, em 1932 *(à esq.)*, e o último, em 1945: "preservar para a posteridade" uma imagem e forjar um novo mito

Oriental, que sabidamente mantém em Potsdam uma central de fabricação de documentos atribuídos ao período nazista com o duplo objetivo de embaraçar políticos do lado ocidental e obter dinheiro por sua venda. No caso, à Alemanha Oriental e aos serviços secretos comunistas interessaria demonstrar, através de algum trechos do diário de Hitler — como sua aparente tentativa de negociar em separado com a Inglaterra —, que o Ocidente deixou de considerar chances de encerrar a II Guerra, prolongou o sofrimento dos povos envolvidos e detém a responsabilidade histórica pela divisão da Alemanha. Seja como for, em nada está ajudando a esclarecer os fatos a atitude de *Stern* — a revista é reticente em submeter o material a amplo exame e se recusa a falar nos intermediários entre a papelada e seu repórter para, segundo diz, "proteger cidadãos do bloco oriental" que ajudaram no caso. Se preservar a indentidade destes significa manter na sombra antigos criminosos nazistas, está colocada uma séria questão ética para a revista. Nem *Stern* nem ninguém, além disso, conseguiu explicar por que alguém, de posse de material tão valioso, teria deixado de negociá-lo antes de decorridos 38 anos.

Mas a possibilidade mais intrigante é de que eles sejam simultaneamente documentos verdadeiros e uma manipulação. Ou seja, foi Hitler quem os escreveu — dizendo, logo nas primeiras linhas, desejar "preservar para a posteridade" seus pontos de vista —, mas pretendendo deixar de si para a História uma imagem moldada a sua maneira, em especial ao virtualmente passar por cima da crucial questão do Holocausto. "Ele registrou aquilo em que desejava que a posteridade acreditasse", observou um dos historiadores que examinaram o material, "e sem dúvida omitiu o que não pretendia que fosse percebido". Em tal caso, caberá aos historiadores evitar que Hitler, 38 anos depois de morto, crie uma vez mais um mito sobre si próprio.

A árdua análise das nuanças de uma assinatura

Para o grafólogo americano Ordway Hilton, de 69 anos e 45 de profissão, que ostenta em seu currículo o parecer de que a famosa "autobiografia" do milionário Howard Hughes era falsa, não resta dúvida: toda a batelada de documentos, cartas e fotos autografadas que a equipe da revista *Stern* lhe submetera para avaliação são indiscutivelmente da autoria de Adolf Hitler. Durante duas semanas ele se debruçou sobre a singular assinatura do Führer, onde o "Adolf" mais se assemelha a dois números 7, espelhados, e o "H" de "Hitler" vem seguido por um ziguezague de letras em queda.

Embora essas características, nos diários secretos, tenham-se mantido intactas ao longo dos anos, percebe-se uma inquestionável evolução em direção a uma rubrica ilegível, entre os primeiros e os últimos documentos. Se, em 1932, a palavra "Hitler" ainda era reconhecível, em 1944 — ou pelo menos em uma versão daquele ano — o mesmo nome vira uma pasta de traços apertados e caídos. Essa brutal diferença em nada impressiona os especialistas em grafologia, pois ela apenas reflete a evolução geral do signatário.

A assinatura do Führer em quatro tempos: a de cima e a do alto à esquerda seriam do mesmo ano

O que, para um leigo, poderia ser considerado mais suspeito — a frontal diferença entre duas assinaturas do mesmo ano *(veja os dois quadros abaixo)*, também não é forçosamente indício de fraude certa. O problema, no entender de Charles Hamilton Jr., o maior negociante em cartas e autógrafos de celebridades históricas, está no fato de que Hitler é a personalidade de escrita mais falsificada do mundo, depois de Abraham Lincoln. Hamilton, que acaba de concluir uma obra de 800 páginas em dois volumes intitulada *Autógrafos do Terceiro Reich*, recebe pelo menos uma falsificação por mês atribuída a Hitler. Sua conclusão, sem ter manuseado os originais: "Definitivamente, essa não é a letra de Hitler".

O nazismo revisitado

Já em seus primeiros trechos, os diários dão novos contornos a episódios importantes do período nazista

A serem realmente de Adolf Hitler, os textos agora divulgados impõem aos estudiosos uma tarefa inevitável — a de recompor, já com novas informações, alguns episódios cruciais da história do nazismo e da própria II Guerra Mundial. A seguir, extraídos das primeiras revelações dos diários que vieram a público na semana passada, os principais casos sobre os quais o testemunho do Führer joga uma nova luz ou lança dúvidas:

“As manifestações contra os judeus passam das medidas. Que pensarão no exterior?”

O que passou à História como “A Noite dos Cristais” constituiu um exemplar atestado do ódio pelos judeus que Hitler sentia e estimulava — uma pedra basilar, e sinistra, de todo o período nazista vivido pela Alemanha. Nessa noite, a 10 de novembro de 1938, hordas nazistas saíram às ruas de Berlim indignadas, para vingar a morte, em Paris, de um diplomata do Reich assassinado por um jovem judeu polonês de 17 anos. Em algumas horas de absoluto vandalismo, 35 judeus foram mortos, milhares de outros detidos, 119 sinagogas destruídas, cerca de 7 500 lojas invadidas e depredadas — e os vidros das vitrinas, estilhaçados no chão, carimbaram o episódio com seu triste título. Os diários de Hitler trazem surpresas a respeito: revelam um Führer insatisfeito com as dimensões da vingança e aparentemente sem o controle pleno da máquina nazista. *“Não é admissível, com todo esse vidro quebrado, que nossa economia, por causa de alguns cabeças-quentes, perca milhões e milhões”*, registra o diário. *“Esses homens ficaram loucos? O que vão pensar no exterior?”* Hitler, conforme o texto, bradava apenas contra os prejuízos econômicos, as repercussões desfavoráveis no exterior e a autonomia dos grupos mais radicais que foram além do planejado. Mas é significativo, também, que nas demais 50 000 palavras dos diários não haja uma única frase do Führer sobre o extermínio de judeus. Ele cita em certos momentos “soluções” como retirar da Europa as populações de origem judaica para observar em seguida que *“ninguém vai recebê-los”*. Comenta depois a idéia de lhes dar um território na Hungria.

Essa última idéia reaparece numa frase em 1942, quando o general da SS Reinhard Heydrich informou à cúpula nazista sobre “a solução final para o problema judaico” — ou seja, o extermínio em massa. Mas Hitler em seus diários trata desse encontro com economia de palavras: seria preciso encontrar *“algum lugar no Leste da Europa”*, escreveu, onde os judeus *“pudessem alimentar-se sozinhos”*. Para quem usou o anti-semitismo como mola-mestra de seu regime, o empenho em dissociar-se do extermínio sistemático de milhões de pessoas é ainda um fenômeno à espera de explicação plena, embora seja viável que tentasse fabricar uma imagem para a História — e, de todo modo, ninguém questiona sua plena responsabilidade pelo Holocausto *(veja a página 62)*.

Todos os mistérios se cruzam no homem de Spandau

Nos subúrbios de Berlim Ocidental, passeando solitário entre árvores imensas da prisão de Spandau, onde está encarcerado há 37 anos, vive um homem que talvez saiba tudo, inclusive se os diários de Adolf Hitler são verdadeiros: Rudolf Hess. Hess, formalmente vice-Führer à época de Hitler, hoje com 89 anos, é o único dos barões do período nazista ainda vivo — exceto, eventualmente, pelo assessor pessoal de Hitler, Martin Bormann, que desapareceu na queda de Berlim em 1945 e cujo destino, desde então, perdeu-se em mistério. Além disso, ao lado de Bormann e do próprio Hitler, só Hess rubricou algumas folhas dos diários agora revelados. Por fim, Hess é o mais indicado para esclarecer a louca aventura do desembarque de um alto chefe nazista — ele mesmo — em plena Grã-Bretanha de 1941, no meio da guerra, quando pulou de pára-quedas na Escócia para propor uma paz em separado com a Inglaterra — cujo governo, em seguida, o trancafiou na Torre de Londres. Ao final da guerra, foi levado a julgamento com outros chefes nazistas no Tribunal de Nuremberg e condenado a prisão perpétua.

KEYSTONE

Hess com Hitler** (em 1940) **e em Spandau: a única testemunha, proibida de falar

KEYSTONE

“Eva teve de suportar muito sofrimento. Para os médicos, foi uma gravidez nervosa. E Eva acredita em aborto. Ela precisa tanto de mim, e tenho de deixá-la sozinha.”

A vida privada de Hitler sempre intrigou historiadores e psicólogos — sua timidez nas relações pessoais e a escassa presença de mulheres em sua biografia nada refletem do líder que não conhecia limites e arrastava multidões ao delírio. A imagem do homem fechado já existia nos primeiros contatos com seus camaradas no Exército, diante dos quais ele passava por um misógino. Ela foi acrescida, com o tempo, de histórias sobre sua impotência e tendências à perversão sexual. Até meados dos anos 30, seu único caso amoroso importante não ajudava a mudar esse quadro — era a relação com sua própria sobrinha Geli Raubal, que acabaria no suicídio da jovem. Os textos dos diários secretos, se não modificam essencialmente essas impressões, ao menos estabelecem dimensões mais normais à vida emocional do Führer: ele se mostra terno com Eva Braun, a ex-balconista de uma loja de Munique 23 anos mais nova que ele, e que por doze anos foi sua amante, e com quem ele se casou horas antes do suicídio de ambos, a 30 de abril de 1945.

"Eva tem sofrido muito", registra o diário em meados de 1940, quando ela teve um súbito problema médico. *"De acordo com os médicos, foi só uma falsa gravidez, mas ela está convencida de que foi um aborto"*, escreve Hitler, num texto onde, por sinal, transparecem seguidos erros de pontuação e de ortografia. Hitler lamenta então que seus afazeres — naquele período ele estava atolado nos preparativos para a invasão da França — o mantivessem longe de Eva. Em outros trechos, transparece uma relação mais significativa entre os dois — e não o papel marginal que habitualmente se atribuiu à jovem: Hitler a chama freqüentemente e preocupa-se quando ela não está bem.

Por extrema ironia da História, contudo, Hess não pode falar sobre nenhum assunto relativo à guerra, por força dos regulamentos da prisão impostos pelas quatro potências vencedoras da II Guerra Mundial — Estados Unidos, União Soviética, Inglaterra e França — que a administram. Nessa prisão, onde está desde 1946, é vedado a Hess falar de qualquer tema político, mesmo com seu filho, Wolf-Rüdiger, que o visita uma vez por mês. Essa proibição valeu no último dia 26, seu aniversário, quando Wolf fez a visita mensal sob as condições e no cenário de sempre: separados por uma enorme mesa de mogno, inspecionados por quatro coronéis — um russo, um francês, um inglês e um americano, que se revezam na direção de Spandau —, os dois se viram por 1 hora, sem se poder tocar. Não há rádio nem televisão e os jornais chegam cortados dos assuntos políticos.

GAMMA

Hess é o último prisioneiro em Spandau, desde que, em 1966, o ex-ministro de Armamentos do III Reich, Albert Speer, completou os vinte anos de sua pena e foi libertado. Ali dispõe de oito médicos, lê muito sobre atividades espaciais e, sem o saber, volta a ter um papel central: ele é tema exclusivo de um volume anexo aos recém-revelados diários. Sua aventura inglesa pode agora assumir outra configuração — o historiador americano Gerhard Weinberg, que teve acesso aos textos, concluiu que "foi Hitler quem decidiu permitir que Hess viajasse". Se isso se confirmar, a ira de Hitler na época contra Hess, ao saber do vôo, não terá passado de encenação — e a tese de que a Alemanha queria uma aliança com a Inglaterra, que lhe permitiria atacar com força total a URSS, terá de ser estudada mais seriamente. Da parte britânica, a colaboração para esclarecer a cartada de Hess é impossível — uma lei sobre segredos de Estado, de 1941, estabeleceu que os documentos relativos à chegada e às escassas entrevistas de Hess com um diplomata deverão ser mantidos secretos por 75 anos, ou seja até o ano 2016.

LIFE

"*Esses ingleses me parecem um verdadeiro quebra-cabeça. Deverei deixá-los escapar* (de Dunquerque) *ou não? Qual poderá ser a reação de Winston Churchill?*"

Essa é uma pergunta crucial, que corta fundo em toneladas de análises e estudos espalhados pelos livros sobre a II Guerra Mundial, a respeito da histórica retirada de Dunquerque, a 24 de maio de 1940, na qual 340 000 soldados aliados, então cercados na França pelas vitoriosas forças invasoras da Alemanha, conseguiram escapar por mar de um massacre, em direção à Inglaterra. Em sua frase contida nos diários, Hitler sugere que a decisão de não massacrar os aliados — a maioria deles britânicos — pode ter sido de sua única responsabilidade, não de seus generais, e que brotou de motivações políticas, não militares. Em Dunquerque, porto do norte da França, após um rápido e avassalador ataque e ocupação da Bélgica, Holanda e da própria França, Hitler encurralou amplas forças britânicas, belgas e francesas. Os tanques do general Heinz Guderian aguardavam apenas ordens de Berlim para aniquilar o inimigo, totalmente sem saída — exceto o mar —, mas a ordem que chegou dia 24, e que deixou os generais alemães estupefatos, era paralisar os tanques onde estavam. Isso deu tempo a que os aliados fortalecessem a cidade e organizassem a retirada — que se arrastou, confusa e dramática, por vários dias. "Essas ordens da cúpula não têm nenhum sentido", queixava-se o general Franz Halder. Quando os alemães enfim atacaram, homens e armamentos já estavam a caminho da costa britânica, num colossal comboio de 900 navios, barcos, iates particulares e tudo o mais que foi possível amealhar. A operação preservou de modo vital as forças aliadas para a futura invasão do continente.

A polêmica entre militares alemães, na época, foi furiosa, e a participação de Hitler na decisão jamais ficou inteiramente clara. Até agora tem-se atribuído a medida ao marechal-de-campo Gerd von Rundstedt, comandante supremo da invasão da França, e ao marechal-do-ar Hermann Göring. O primeiro teria querido descansar as tropas e preservar os tanques para a ocupação final da França. O segundo pretenderia para a sua aviação — a única que fustigou Dunquerque — a glória de pulverizar o inimigo. Hitler teria cedido à pressão de ambos. Os diários parecem indicar que ao invés disso — ou, além disso — ele simplesmente estava fazendo política e poupando os ingleses para abrir caminho a um futuro tratado de paz. Esse tratado seria fundamental para que — ao menos provisoriamente — a Alemanha, neutralizada sua frente ocidental, tivesse mãos livres para invadir a União Soviética, como o faria sem esse conforto, no ano seguinte.

CAMERA PRESS

"*Esse camponês velhaco. Com sua sede de poder, ele aprenderá a me conhecer.*"

A ameaça era dirigida a Heinrich Himmler, o poderoso chefe da Gestapo e da SS da Alemanha nazista — e baseava-se na suspeita de Hitler de que o seu imediato havia tentado um complô contra ele, no atentado praticado dias antes dessa observação ser escrita no diário, a 8 de novembro de 1939, numa cervejaria de Munique. "*Não consigo afastar a impressão de que Himmler teve algo a ver com isso*", escrevia Hitler a 11 de novembro. "*Ordenei uma investigação severa.*" A frase desperta uma intrigante questão: como foi possível, a alguém todo-poderoso e de gênio irascível como o Führer, habituado a demitir e até fuzilar generais ou assessores, manter Himmler ao seu lado e na plenitude do poder ao longo de toda a guerra, se de fato desconfiava tanto dele? A mesma questão se coloca em relação a outros membros de primeira linha da corte nazista. "*O pequeno Goebbels*", registra o diário a respeito do ministro da Propaganda, Joseph Goebbels, "*tem ainda casos com mulheres. Baixarei um decreto proibindo meus colaboradores e os chefes do partido de qualquer tipo de ligação.*" Sua irritação devia-se, no caso, aos rumores que corriam em Berlim, na época, de que Goebbels estaria prestes a separar-se de sua mulher para ir viver com uma artista checa pela qual se havia apaixonado, Lida Baarova.

Esses trechos dos diários secretos revelam que as explosões de cólera do líder nazista produziam resultados diferentes, conforme as pessoas a quem se dirigiam. Elas significaram o fim para Ernst Röhm, o criador e chefe das infames SA, milícia de apoio ao partido que chegou a congregar 3,5 milhões de homens — Röhm, um companheiro de primeira hora de Hitler na organização do movimento nazista, foi preso por ele e fuzilado sob uma forjada denúncia de traição, em 1934. Mas o rancor registrado nos diários não funcionava para outros homens à sua volta, mesmo que sobre eles recaíssem suspeitas igualmente graves, como a de organizar golpes de Estado. O que teria levado Hitler a tolerá-los, sabendo por exemplo que Himmler e Goebbels mandavam espionar até sua amante Eva Braun? As respostas à mão são escassas. Uma possibilidade é que o poder

real de Hitler dentro da intrincada máquina do Reich nazista tenha sido menos absoluto do que se supõe. Pode-se especular, também, que no caso específico de Himmler o Führer o mantivesse para a execução do "trabalho sujo", a violência e a colossal rede de terror que as SS espalharam por toda a Europa — quem sabe com a intenção de dissociar formalmente seu nome de tais ocorrências.

Em conseqüência desse comportamento, o Führer acabou reservando para um único de seus auxiliares imediatos — o assessor pessoal Martin Bormann — um dos escassos elogios que até agora transpiraram dos sessenta volumes dos diários. *"Este homem, Bormann"*, confessava num de seus derradeiros depoimentos, praticamente cercado em Berlim, em março de 1945, *"tornou-se indispensável para mim. Se eu tivesse cinco Bormann, não estaria aqui agora."* De qualquer modo, a intolerância de Hitler também estava longe de ter resultados práticos imediatos no relacionamento com seus oficiais, que tanto criticou e com os quais, enfim, conviveu até o fim. *"Preciso demais de novos oficiais superiores"*, registra o diário em 1942. *"Os antigos se cobrem de medalhas mas não me obedecem."* A esse respeito, os documentos indicam que Hitler se espantava com o sucesso militar de Josef Stalin. *"Como Stalin conseguiu?"*, perguntava ele após invadir a União Soviética, destruir o Exército soviético e ver um novo Exército em pé, e no ataque, capaz de derrotá-lo — como acabou ocorrendo no final. *"Eu acreditava que ele não tinha mais oficiais, e no entanto ele tomou as decisões necessárias."*

PHOTO REPORTERS

"*Preciso de novos oficiais, os velhos não me obedecem. Como Stalin os conseguiu?*"

Vítimas da "solução final": o importante de fato é o que Hitler fez

Hitler e o Holocausto

Será tão importante rastrear ordens escritas do Führer ordenando o genocídio dos judeus na Europa?

O que o mundo realmente quer de Hitler é uma confissão. Não queremos um pedido de desculpas: de todas as possibilidades colocadas pela descoberta dos documentos que seriam os diários de Hitler, a menos provável — e de certa forma a mais perturbadora — é a de que ele viesse a lamentar o que fez. Na verdade, se pudéssemos trazer Hitler de volta para responder a uma única pergunta, nós escolheríamos para apresentá-la uma mãe que tivesse visto seus filhos morrer em Treblinka ou Auschwitz — e lhe solicitasse a admissão do monstruoso mal que fez ao mundo.

Nossa necessidade é confrontar o mal, vê-lo em todas as suas três dimensões, mas a maioria dos subordinados de Hitler chegou às portas da morte murmurando explicações, com suas culpas obscurecidas por uma névoa de eufemismos e justificativas. Já em Hitler podemos esperar encontrar o mal puro e cristalino, tão incandescente como as chamas do inferno — afinal, ele é o único nazista que não pode alegar que apenas obedecia ordens.

Mas ele dava mesmo todas as ordens? Os que manipularam os diários relatam que ali virtualmente não há referências aos campos de extermínio, nenhuma evidência de que Hitler pessoalmente autorizou o massacre organizado dos judeus, ou mesmo estava plenamente ciente do que lá ocorria. Nas datas críticas da formulação da "solução final" — eufemismo nazista para o extermínio dos judeus — os diários agora descobertos registram apenas anotações rotineiras de encontros e conferências. Estudio-

sos do período há longo tempo têm-se intrigado com a ausência de uma ordem escrita de Hitler relativa à "solução final". Por isso mesmo os diários colocam uma perturbadora questão para os historiadores. Seria possível que o maior criminoso da História estivesse preocupado demais com sua digestão e as pequenas rivalidades entre seus assistentes para notar que estava matando 6 milhões de pessoas inocentes?

Alguns dos que examinaram os papéis acreditam que Hitler estivesse protegendo seu nome para a posteridade ao, cinicamente, fingir ignorância da "solução final". Pode ser também que Hitler simplesmente tenha decidido fechar sua mente para o assunto fundamentalmente desagradável do extermínio maciço de seres humanos. Até onde se sabe, Hitler nunca visitou um campo de concentração e parece nunca ter sequer falado deles. Ele não seria, na realidade, um sádico e sua recusa em confrontar fatos que lhe desagradavam era bem conhecida, especialmente por seus generais.

DESAPARECE A TRILHA — Mas se os diários, até onde se sabe, não se referem à "solução final", é certo que os judeus figuram neles. O professor Gerhard Weinberg, da Universidade de Carolina do Norte, nos Estados Unidos, um dos poucos que viram os documentos, acha que eles confirmam o "papel central" do anti-semitismo no pensamento de Hitler. "Sua preocupação está ali o tempo todo", diz Weinberg. "Tudo é culpa dos judeus." Outros que tiveram acesso aos papéis notam que Hitler culpava os judeus especialmente pela entrada dos Estados Unidos na guerra — um evento que fontes mais objetivas relacionam naturalmente ao ataque japonês a Pearl Harbor — e que a tendência de ver os judeus como a raiz de todos os problemas para Hitler aumentou à medida em que a situação militar da Alemanha tornou-se sem perspectivas.

Praticamente todos os historiadores que estudaram os colossais arquivos do III Reich concluíram que nada de importante poderia ter acontecido na Alemanha nazista sem o conhecimento de Hitler. E pelo menos um documento capturado pelos aliados é significativo. Um relatório de Heinrich Himmler, comandante das SS, enviado a Hitler no final de 1941, dava conta de que os *Einsatzgruppen* (comandos que acompanharam o avanço alemão sobre a União Soviética e eram encarregados de massacrar judeus) haviam matado exatamente 363 211 judeus entre agosto e novembro daquele ano — certamente um número suficientemente expressivo para não se evaporar da memória de Hitler.

Está mais do que comprovado que em outubro de 1941 um comandante da SS chamado Rudolf Hoess, subordinado a Himmler, que era diretamente subordinado a Hitler — e sem nenhum parentesco com Rudolf Hess, o "delfim" de Hitler, àquela altura já preso na Inglaterra *(veja à página 58)* —, estava preparando Auschwitz para funcionar como um campo de extermínio. Mais de três anos depois, em seu último testamento político, Hitler, dirigindo-se a uma Alemanha em pedaços, ainda exortava a que se mantivesse uma "oposição sem tréguas ao envenenador de todos os povos, o judaísmo internacional".

Ainda assim a trilha de papel que ligaria Hitler diretamente a uma ordem para exterminar os judeus nunca foi completamente traçada. Em algum ponto na cadeia de comando entre Hitler e Adolf Eichmann ela desaparece num emaranhado de atribuições superpostas e simples mentiras. Mas até que ponto isto seria realmente relevante? Alguns historiadores, como Raul Hilberg, especialista no Holocausto, consideram "urgente" traçar a exata seqüência burocrática de ordens para o genocídio. Nem todos concordam. "Esta questão nunca será respondida", diz Simon Wiesenthal, o célebre "caçador de nazistas". "Todos os amigos próximos e as pessoas ligadas a Hitler sabiam de seu desejo, mas nunca se encontrará sua palavra escrita."

PARIS MATCH

Berlim, 1945: para Hitler, o fim de uma guerra que ele próprio iniciara

O CALOR DO ÓDIO — O que se precisa levar em consideração, na verdade, é que a vasta burocracia do III Reich era, em seu centro, conduzida pela sugestão, pela exortação e pelo exemplo — e, em diversos dos seus discursos, Hitler sugere, exorta e exemplifica em relação aos judeus, invocando como que uma profecia que forças impessoais da História se encarregariam de cumprir. "Se o judaísmo financeiro internacional (...) tiver êxito uma vez mais e mergulhar nações numa guerra mundial", ele disse ao Reichstag, o Parlamento nazista, no dia 30 de janeiro de 1939, "a conseqüência será (...) o aniquilamento da raça judaica na Europa." Esta profecia começou a se concretizar sete meses depois — só que foi o próprio Hitler quem começou a II Guerra Mundial. "Se não fosse por Hitler, provavelmente não haveria a 'solução final' ", diz a historiadora Lucy Dawidowicz, autora de *A Guerra contra os Judeus*. "Ele foi o planejador-mor, o arquiteto, o estrategista e a força condutora." Seria sua culpa maior se ele pessoalmente carregasse e dirigisse os trens de prisioneiros para Auschwitz? Seriam suas culpas piores se ele acalentasse seu sono com lembranças da agonia de suas vítimas? Foi o calor de seu ódio que manteve aceso o crematório. É uma pena que nós não saibamos mais sobre o que Hitler pensava. Mas nós sabemos o que ele fez. ●